ISSN: 2358-8829

A LITERATURA COMO PRÁTICA DE AUTOCONHECIMENTO E AUTONOMIA: UMA EXPERIÊNCIA NO CURSO DE LETRAS

Rariane Cordeiro da Silva [1]
(Orientadora) Cristiane Agnes Stolet Correia [2]

INTRODUÇÃO

A pesquisa acadêmica tradicionalmente preza pela neutralidade, fundamentando-se no distanciamento entre pesquisador e seu objeto. Entendemos, entretanto, que a escrita não é apenas um exercício acadêmico, mas um processo visceral de subjetividade. A trajetória no curso de Letras Espanhol impõe o desafio de converter as próprias vivências em narrativa. É algo que vai além de uma língua, mas a reconstrução da identidade através dela.

Nesse cenário, a pesquisa (auto)biográfica emerge consigo como uma prática de autoconhecimento essencial na escrita. Conforme a perspectiva de Rosa Montero (2003), escrever deixa de ser uma tarefa e passa a ser uma ferramenta para colocar ordem no caos da existência e experiência de compreender quem somos a partir do que escrevemos, não se limitando a apenas um registro acadêmico, mas também se transforma em uma forma de sobrevivência e interpretação do mundo.

Defendemos, portanto, a necessidade de se engajar no contexto acadêmico ao encontrar formas de narrar a própria existência, acreditando que esse procedimento contribuirá para o amadurecimento pessoal e profissional. Esse processo de identidade científica e pessoal traz o ato de narrar o entendimento do que foi trabalhado na continuação da construção e elaboração da pesquisa, permitindo que o sujeito entenda a própria trajetória de aprendizagem nos sentidos atribuídos na sua prática. Escrever o processo de criação acadêmica é confrontar o medo de errar, arriscando em escrever no que mais atrai, assim, quanto mais desenvolver a escrita, menor será a insegurança.

Antes de chegar nessa etapa da escrita vejo que para poder começar essa jornada tive que começar na fase da absorção (A Leitora), começando a aumentar o contato com a leitura que se transforma em algo voraz. Como leitora, eu desenvolvi meu próprio repertório e vocabulário, e acima de tudo, construir uma base sólida de empatia para novos conhecimentos me motivou a continuar buscando ler mais.

[1] Graduanda do Curso de Letras Espanhol da Universidade Estadual da Paraíba - PB, rariane.silva@aluno.uepb.edu.br
[2] Professor orientador: Doutora em Letras - Ciência da Literatura (UFRJ), Professora Associada no curso de Letras Espanhol da Universidade Estadual da Paraíba, PB, cristianeagnes@servidor.uepb.edu.br

ISSN: 2358-8829

Aprendi a identificar o que me emocionava, o que me irritava e quais eram as narrativas que me faziam estar cada vez mais submersa entre mundos diferentes. Nesta fase, os livros se tornam refúgio que possibilitam viajar e atravessar portais sem sair do lugar. Ler é escapar, e viver vidas que não são possíveis na realidade e também para respirar mundos mais gentis, a escrita é o próximo passo da viagem surgindo quando não queremos ser mais hóspedes, mas sermos donos dos nossos próprios santuários, traçando cada detalhe do abrigo que tanto sonhamos em chegar (Borges, 1999).

A transição geralmente nasce de um desconforto criativo (A Faísca), já que ao terminar mais uma história sempre sinto falta de alguma coisa, ou chego a perceber lacunas que não foram preenchidas e que de certa forma sinto que a minha voz pode preencher esse vazio. Acessando as leituras passei de passiva para um tom mais reflexivo, e assim comecei a notar as engrenagens rodando por trás das palavras.

Em um certo momento me senti saturada pelas leituras onde os meus olhos já não queriam permanecer apenas nos livros, pois minhas mãos sentiam a necessidade de assumir o controle. Entendo que a experiência de ler não é uma escolha, mas um transbordamento da habitação das vozes de outros autores. Sentir urgência na escrita depende de quão profunda é a leitura. A partir da leitura ganhamos mais vocabulário e conhecimento, ou seja, não podemos esquecer que para escrever precisamos obter uma grande bagagem de folheadas.

Ao chegar nesta parte (Das Primeiras Escritas), percebi que esse era o passo mais desafiador. Porque ao acumular vários mundos dentro de mim através dos livros, a escrita veio a tornar-se uma válvula de escape. Quando comecei a escrever, me dei conta da exigência da coragem em abandonar o caminho da leitura para começar a encarar a bagunça da criação. Entendi que essa transição consolida principalmente o entendimento do papel de ler que é sentir a magia e a escrita é aprender a usar truques (King, 2000).

Ao final das etapas, cheguei a nova identidade (A Escritora), a minha relação com os livros ao decorrer da graduação e fora dela mudou completamente. Porque, mesmo continuando como leitora, sinto que estou com olhos de artesã e também consigo enxergar as minhas práticas de escrita se tornando autônomas. Cada página lida torna-se uma aula de (auto)experiência, e cada página escrita torna-se a minha marca no mundo.

A problematização aqui é atribuída à dificuldade de integrar a subjetividade do pesquisador no método científico sem perder qualquer profundidade reflexiva para poder se manter equilibrado o racional e o emocional, já que o registro de si pode transformar o estudante de Letras de um mero espectador a um sujeito crítico de sua própria jornada. A pesquisa (auto)biográfica descreve que os instrumentos podem ser através de diários de

ISSN: 2358-8829

formação, memórias acadêmicas ou narrativas de aprendizagem para dar ênfase na busca por identidade.

O objetivo desta pesquisa é refletir o meu processo de transição de leitora para escritora, usando a escrita de mim e sobre o mundo ao meu redor como catalisador de minha (auto)experiência durante a graduação. Com as reflexões da obra *La Loca de la Casa*, de Rosa Montero (2003), assumo que a escrita de mim e do mundo pode qualificar meu olhar crítico e investigativo.

Por isso, a compreensão em momentos de derrota e ganhos no desenvolvimento de novos projetos geram a capacidade de perceber que somos capazes de aceitar que às vezes nem sempre as coisas saem do jeito que queremos e está tudo bem, até porque ninguém é perfeito e nunca será.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A minha escrita gera desafios, pois ao longo da absorção das leituras novas descobertas são feitas e assim consigo ter o conhecimento de outras culturas, o que me conduz a outras perspectivas e áreas gerando novas (auto)experiências. Então, ler me permite absorver o conteúdo para poder criar e desenvolver a escrita compreendendo que não é só registrar, mas organizar o caos da criatividade.

E recordo das minhas primeiras experiências com a leitura, quando por exemplo o primeiro livro que li foi do box *A Rainha Vermelha (2015)* de Victoria Aveyard e que me motivou a continuar e não parar mais, gerando uma base sólida de conforto e silenciamento do mundo lá fora.

Em um dado momento percebi que após virar leitora acabei me tornando numa represa cheia de histórias para repassar e criar. Já no curso de letras a leitura que me deixou ainda mais empolgada foi *Niebla (1914)* de Miguel de Unamuno, por ser totalmente diferente do que eu já havia lido, pois há muitas camadas para serem descobertas e que atiçam cada vez mais a curiosidade de saber o que está por vir no final e como iria ser a minha reação. Juntando essas duas leituras (Pessoal e Acadêmica) entendi que ler é iniciar um diálogo no escuro. Chega um momento em que as coisas são tão intensas que o silêncio não quer se manter calado. Daí que veio a escrita; sendo uma resposta aos livros que me moldaram nesse processo. Escrevo para continuar o que alguém escreveu há séculos, em páginas, atrás.

E isso estabelece um novo aprendizado, nomeando o mundo de outra maneira, e como graduanda em Licenciatura em Letras Espanhol, compreendo que a escrita não se torna

ISSN: 2358-8829

isolada, mas um processo de compreender a própria realidade e que a partir disso podemos reescrever as nossas experiências para que faça sentido ao expô-las.

O processo de descoberta do meu "Yo" (o Eu) transita por minha reformulação identitária ao decorrer das vivências que tornaram possível a compreensão de quem sou. E ao rever essas concepções vi que era necessário acontecer mudanças, e no contexto da graduação, ao observar essa realidade me dei conta de que é possível acontecer transformações a partir de uma nova órbita ao passar do tempo. Para fortalecer esse processo de renovação, a imaginação proposta por Rosa Montero (2003) e o inconsciente de Carl Jung (2016) se mesclam um com o outro.

A união entre Jung e Montero é como mergulhar em diálogos emocionantes que trazem contribuições para a psicologia e para a literatura contemporânea. Embora sejam de universos diferentes (um consultório e uma mesa de escrita), ambos se conectam entre si, pois a mente humana não é apenas um depósito de memórias, mas uma base de criatividade ininterrupta. Para os dois, o ato de escrever não é apenas uma profissão ou um simples hobby.

Jung (2016), como cientista da alma, mesmo não sendo um crítico literário, analisou profundamente como a criação acontece, como aspectos da inconsciência vão se manifestando e contribuindo para o processo de individuação, para a integração. Montero (2003) age como artífice da palavra e aponta o que a escrita permite viver, as vidas que não podemos ter. É na imaginação que saímos de uma biografia limitada a uma reconstrução da identidade individual e coletiva.

Ambos veem a escrita como uma ponte entre o eu consciente e o abismo do inconsciente. Ao reconhecer essa fragilidade na escrita a minha (auto)experiência passou a ter mais autonomia me permitindo habitar a produção com mais autenticidade e desempenho. Para implementar essa construção da transição de leitora para escritora, Michel Foucault (2006) também está inserido nesse processo ao dizer que escrever sobre si mesmo não é um ato de narcisismo, mas uma técnica de si. Essa abordagem serve como uma arma que se pode usar contra as pressões externas e que ajuda na transformação da verdade de mim mesma.

A escolha da primeira pessoa do singular é um aspecto do exercício foucaultiano da subjetivação. Assim, deixo de receber ordem e me faço alguém que produz pensamento individual. Neste percurso metodológico, cito Jorge Larrosa Bondía (2002), que propõe diferenciar o saber da informação para o da experiência, afirmando que esta exige tempo e silêncio. A importância de saber aquilo que nos 'passa' e nos 'toca' acaba transformando o sentido daquilo que temos como suporte.

ISSN: 2358-8829

Entre o saber da experiência e a escrita de si, investigo entre a literatura reflexiva de Rosa Montero (2003), a psicologia analítica de Carl Jung (2016), expandindo com Michel Foucault (2006) o relato sobre a escrita de si. E me aproximo de Jorge Larrosa Bondía (2002), diferenciando o saber informativo, ao me tornar a primeira pessoa do singular, paro de ser espectadora passiva para uma protagonista com processo de individuação junguiana. Sinto que o ato de narrar a minha trajetória não se perfaz como um conceito de vaidade, mas como parte da assunção da própria subjetividade. São verdades de mim que posso descobrir ao esculpir a minha voz e identidade.

Portanto, unir a resistência ética do pensamento individual de Montero (2003) pela busca da totalidade do ser de Jung (2016) ajuda a validar o cuidado da ética de Foucault (2006) e a entrega da experiência de Bondía (2002). E assim entendo que não faço registro estático, mas vejo que o pesquisador habita a sua solidão e seus afetos, encontrando maturidade intelectual para nomear o mundo de outra maneira.

Esse processo de ‘despir-se’ para além da leitura revela que a identidade da primeira pessoa se constrói, conforme descrito por Foucault (2006), na relação do sujeito com o mundo, sendo complementado por Bondía (2002) ao justificar a valorização do tempo e do silêncio no fazer científico, ou seja, o fazer científico só faz sentido se der espaço para a experiência. As sistematizações da experiência seguem por uma investigação fundamentada na produção de artigos e registros produzidos durante a graduação, procurando uma interpretação das recorrências narrativas de forma orgânica e não mecânica.

A análise fundamenta-se na assunção da primeira pessoa do singular, rompendo com a neutralidade tradicional acadêmica para me posicionar, enquanto graduanda do curso de Letras, no processo de reflexão e investigação. Esse método interpretativo respeita os preceitos éticos de citação e autonomia, com foco na interlocução entre memória e imaginação que se despe de uma identidade técnica para assumir-se um sujeito que permite usar a própria trajetória como objeto e instrumento de análise, transformando o ato de pesquisar em um exercício de autoconhecimento.

As experiências que ainda estão ocorrendo por meio das pesquisas me ajudam a avançar na valorização da renovação do conhecimento a partir da continuidade da busca em questionar temáticas que se tornam o eixo central do meu interesse e no que proponho ao investigar o estudo. E ao permitir colocar em prática tudo que desenvolvi discutindo ao longo das observações, a potencialização na produção de mais pesquisas e artigos pode ser motivo de incentivo em compreender os momentos de altos e baixos habitados na escrita.

ISSN: 2358-8829

REFERENCIAL TEÓRICO

A fundamentação teórica desta investigação consiste na interseção entre literatura e autoria, a psicologia analítica, a filosofia da subjetividade e a filosofia da educação. Para segurar essa transição de leitora para escritora no meio acadêmico, é recorrido a conceitos que validam o uso da primeira pessoa do singular e da memória que ajuda como instrumento de produção científica. A investigação do "eu" na literatura encontra em Rosa Montero uma defesa da imaginação que está simbolizada em *La Loca de la Casa (2003),* que propõe a organização do caos do existir onde vê a memória como uma reconstrução da identidade. Para compreender essa dinâmica psíquica a Psicologia Analítica de Carl Jung (2016) oferece uma leitura do amadurecimento subjetivo. O conceito de individuação de Jung (2016) remete ao processo de tornar-se um único ser, que integra os aspectos conscientes e o abismo do inconsciente. A validação metodológica da primeira pessoa do singular traz as contribuições de Michel Foucault (2006) na escrita de si como a técnica de si. Foucault (2006) argumenta que registrar a própria trajetória não é um ato de narcisismo, mas trata-se de uma resistência às pressões externas (burocracia institucional), deixando de ser um espectador para se tornar um sujeito autônomo. Por fim, para fechar na prática dentro do ambiente de aprendizagem na graduação, é recorrido a Jorge Larrosa Bondía (2002) na distinção entre a informação e a experiência em um cenário contemporâneo. Ele adverte que o saber da informação é o exterior do sujeito, pois se nada o toca nada se transforma. Já a experiência é aquilo que se passa e acontece, que exige tempo, recuo e silêncio. No contexto do curso de Letras, a transição de leitora para escritora configura-se como a passagem do consumo de informação para a assunção da experiência viva, ou seja, a trajetória do pesquisador deve ser humana, que afeta e ressignifica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O ato de escrever sobre si mesma em minha concepção não é só registrar, mas entender o próprio processo de construção do "eu". Como estudante e pesquisadora, vivencio o paradoxo da atriz: que em um dado momento, me distancio da minha própria identidade entrando em cena sob o figurino da narrativa acadêmica. Contudo, esse distanciamento não muda quem sou ou como sou, pelo contrário, permite-me observar as minhas ações através de outra faceta. Não apenas reassumo a minha identidade, mas percebo o enriquecimento em constante mudança de mim mesma por meio dessa autovigilância.

A conexão teoria-prática, diferentemente da escrita teórica voltada apenas para a técnica, traz o texto prático como espelho da autobiografia permitindo reconhecer as

ISSN: 2358-8829

dificuldades sobre o que está sendo influenciado na coleta de dados e o que precisa ser adaptado. A adoção da primeira pessoa do singular nesta investigação não é apenas uma escolha estilística, mas uma necessidade metodológica que o sujeito implica. Essa escolha encontra-se no conceito de Michel Foucault (2006), que compreende que ao narrar a trajetória da escrita de si deve-se tomar cuidado na técnica de subjetivação. A escrita não é um exercício de memorização, mas uma prática para libertar o sujeito em constituir a organização com a verdade do mundo.

Eu sendo uma leitora/escritora consigo assumir a responsabilidade de mostrar a minha versão da verdade, dando ênfase que a memória é seletiva e que o relato é por natureza interpretativo. A escrita de Rosa Montero (2003) demonstra isso muito bem.

> Escribir, en fin, es estar habitado por un revoltijo de fantasías, a veces perezosas como las lentas ensoñaciones de una siesta estival, a veces agitadas y enfebrecidas como el delirio de un loco. La cabeza del novelista marcha por sí sola; está poseída por una suerte de compulsión fabuladora, y eso a veces es un don y en otras ocasiones es un castigo. (Montero, 2003, p. 12).

Como bem define a autora, essa prática de leitor/escritor traz a sua trajetória que está em um emaranhado de fantasia e memória, que ao ser colocada no papel, deixa de ser uma confusão interna para tornar-se uma produção de conhecimento. É nessa compulsão de fabulação que me encontro num meio da organização da existência que interpreta a minha formação.

Tive consciência de que o autoconhecimento gerou um resultado com objetividade reflexiva, percebendo a limitação que eu tinha ao expor a subjetividade da minha pesquisa. Neste vaivém, carrego comigo o medo silencioso de minha escrita acadêmica ser desvalorizada ao longo das investigações, sendo rotulada como frágil por não querer ceder a seguir uma escrita mecânica. Temo o julgamento de uma estrutura que muitas vezes tenta apagar o pesquisador para validar a pesquisa.

Equilibrar esse pêndulo, no entanto, cobra o seu preço. O resultado na minha constante busca de desdobramento é um esgotamento mental. Quando as luzes se apagam o silêncio da pesquisa gera uma fadiga invisível, e sobra a exaustão de ter que estar na companhia da pressa para dar conta dos prazos. Sustentar a máscara da neutralidade científica se refere ao ideal moderno de um sujeito pesquisador que deve se distanciar do seu objeto de estudo, anulando suas emoções, valores e subjetividades para garantir a objetividade do conhecimento. Nesse contexto, a neutralidade é questionada a partir de uma máscara que desumaniza o fazer científico, enquanto a mente transborda em subjetividade e pode chegar à incapacidade de seguir adiante. Então a escrita livre citada anteriormente entra em vigor deixando de ser

ISSN: 2358-8829

apenas uma escolha, mas um oxigênio de emergência para uma mente que não aguenta mais estar em constante pressão.

Assim, o esgotamento mental durante a graduação é algo que faz a produção estagnar e não sair do lugar. Segundo Carl Jung (2016), quando pensamentos autodestrutivos emergem, sugerindo a desistência, ocorre uma fragmentação psíquica onde o sujeito não consegue mais enxergar qual o propósito de seguir nessa jornada. Contudo, essa psicologia analítica é justamente o reconhecimento da fragilidade dessas fraquezas que dá ênfase em um possível avanço. Se a máscara da neutralidade acadêmica sufoca, é na escrita livre que encontro meu porto seguro. Nela, a pesquisadora descansa e a mulher se reencontra, lembrando-me de quem sou quando as cortinas se fecham. Essa experiência de leitura e escrita subjetivas é o que me protege do adoecimento diante da fragmentação acadêmica, permitindo-me integrar minhas facetas. Sob essa ótica, o 'não conseguir' deixa de ser apenas um bloqueio a ser superado, ao acolhê-lo, entendo o que essa pausa quer me comunicar. É assim que transformo as frustrações em degraus, gerando novos saberes sobre mim mesma e moldando uma identidade mais autêntica. "Regresamos así a la imaginación. A esa loca a ratos fascinante y a ratos furiosa que habita en el altillo. Ser novelista es convivir felizmente con la loca de arriba. Es no tener miedo de visitar todos los mundos posibles y algunos imposibles. (Montero, 2003. p. 18)."

Investigar a si mesmo é, em última análise, uma forma de não temer visitar esse mundo desconhecido que possivelmente faz parte da formação da memória. Ao integrar essa dimensão imaginativa, a pesquisa (auto)biográfica deixa de ser apenas um relato estático do passado e passa a aceitar que a criação exige uma rendição diante do desconhecido, ou seja, se o autor tem medo da sua mente, então o texto nascerá morto. Se a pesquisa não tocar o pesquisador, ela corre o risco de ser mais uma repetição burocrática de teoria. E esse processo garante que a produção faça sentido, primeiro, para quem executa.

O ato de investigar deve operar uma transformação no próprio investigador, porque caso contrário, a escrita pode perder a sua magia. Nesse ponto, Jorge Larrosa Bondía (2002) nomeia esse ato como o saber da experiência. Fazendo-se necessário uma pausa silenciosa ao se entregar. Ao rejeitar a correria acadêmica, o conhecimento passa a ser uma experiência vivida, que pode ressignificar a identidade de quem escreve, e consequentemente, de quem lê. Dessa forma, propõe-se a fragmentação da produção de etapas, permitindo uma construção textual mais equilibrada e menos desgastante. Ou seja, a prática na humanização do fazer científico é uma forma de ajudar a ir com calma no processo de escrita para torná-la um trabalho bem desenvolvido e elaborado.

ISSN: 2358-8829

A investigação fundamenta-se na interlocução com a literatura reflexiva de Rosa Montero (2003), ao abordar imaginação e a memória como uma das ferramentas da prática do saber, onde luta na defesa dos seus ideais, com a não conformidade do lugar que é colocada pela sociedade. Sua obra de grande sucesso *La Loca de la Casa (2003)* é uma espécie de autobiografia que se destaca bem nesse conceito, pois deixa aspectos de sua experiência de vida (emocional e trabalho) para nos dizer que há certos momentos da vida que tudo pode acontecer.

E a partir da imaginação serei capaz de moldar o que já aconteceu conforme o que lembrei e o que adicionei ao deixar o texto mais refinado quando os outros forem conhecer o que veio de mim e o que usei como apoio nessa trajetória de experiências de leitura e escrita. Na teoria do Carl Jung (2016), o escritor é um educador da humanidade, pois pode dar voz a conceitos que o mundo esqueceu, e também está presente no (auto)biográfico como um rito de passagem para a individualidade, podendo assumir a autoria da própria história, fazendo-se de grande valia no percurso acadêmico. Ou seja, estamos deixando uma parte de nós mesmos naquilo que escrevemos e que isso de certo modo acaba tornando-se nossa própria jornada quando usamos a criatividade e originalidade.

Ao investigar Montero (2003), compreendi que meu caminho também é marcado por aquilo que desenvolvo, percebo que minha experiência de escrita reflete ao moldar o que já foi vivido. Já sob a ótica de Jung (2016), tento implementar os conteúdos da inconsciência à consciência. Mergulhando no desconhecido da pesquisa, transformando a insegurança inicial a um saber integrador, que assume o "Yo" (o Eu), nesta escrita, é portanto, um ato de coragem em habitar novas realidades e conceitos. Escrever esta pesquisa não é apenas um ato acadêmico, mas um exercício de confrontação no meu interior e exterior, permitindo que minhas memórias e percepções ajam em uma análise teórica. Entendo, assim como Montero (2003), que a minha identidade não é neutra, mas construída pelas minhas escolhas de palavras, com coragem de conhecer novas realidades (possíveis e impossíveis) que o tema propõe.

> No debió de serle fácil enfrentarse a todos para defender a una pobre familia de apestados. Ir en contra de la corriente general es algo sumamente incómodo. Puede que la mayoría de las miserias morales e intelectuales se cometan por eso: por no contradecir las ideas de tus patronos, de tus vecinos, de tus amigos. Un pensamiento independiente es un lugar solitario y ventoso. (Montero, 2003, p. 36)

Muitas vezes questionamos o que já foi dito, e neste fragmento Montero (2003) descreve que o pensamento independente é como um lugar solitário onde a imaginação não é só um refúgio lúdico, mas uma resistência ética. A forma de pensar que se usa em 'un lugar

ISSN: 2358-8829

solitario y ventoso' quer dizer que a autora assume a responsabilidade pela própria voz. Em minha experiência, sinto que ao tentar desconstruir esses conceitos rígidos, percebo que a coragem para habitar a solidão passa por tempo, escolhendo estar ou não no desconforto de uma ideia autêntica ao invés de na repetição daquilo que já estamos cientes. Ao reconhecer essa maturidade intelectual, essa "solidão" é uma potência para criar-se o indivíduo, onde na concepção junguiana abandonar a máscara social e acadêmica pode ser o impulso necessário para enfrentar a totalidade do ser.

A escrita proporciona que, ao narrar suas experiências, deixamos de ser meros espectadores da teoria nos tornando protagonistas do nosso próprio aprendizado. Também pode ser considerada como um meio de salvação, mostrando a escrita científica, uma permeação (auto)biográfica, ajudando a acabar com as inseguranças da formação acadêmica. Conscientizando que o uso da memória é, em parte, uma construção de nossas próprias ideias e que ao longo do tempo, como estudante, reconto a minha trajetória para justificar as minhas escolhas pessoais e acadêmicas, criando uma narrativa de coerência profissional.

A literatura me ensina que não devo temer esse lugar solitário e ventoso. No entanto, ao aceitar esse risco, vejo que é possível superar a frieza da técnica para permitir o nascimento da autenticidade de que não é apenas uma voz que informa, mas de alguém que habita a própria investigação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar até aqui concluo que esta investigação não significa encerrar um ciclo, mas ser um ponto de inflexão da trajetória dentro da graduação em Letras Espanhol. Esta pesquisa se situou em refletir o processo de transição de uma mera leitora passiva para uma escritora autônoma, que usa a escrita de si para se tornar um catalisador da (auto)experiência. Rompendo com o aspecto de neutralidade científica ao assumir a primeira pessoa do singular, foi possível moldar a trajetória acadêmica tantas vezes marcada pelo distanciamento e esgotamento mental, atuando em um território de autoconhecimento, humanização e emancipação crítica.

Estabelecendo a relação entre a literatura reflexiva de Rosa Montero (2003) e a psicologia analítica de Carl Jung (2016), é possível compreender que a escrita acadêmica e pessoal não precisa ser um exercício mecânico de produções teóricas. *La Loca de la Casa* de Montero (2003) e a individuação junguiana representam a conciliação entre o racional e emocional da autenticidade do fazer científico. Ao juntar as marcas do inconsciente e a subjetividade do texto, a persona acadêmica deu lugar a totalidade do ser, transformando erro

e insegurança institucional em uma base sólida de potencialidade em ser criativa e ter maturidade intelectual.

Portanto, as reflexões tecidas aqui indicam a travessia (auto)biográfica na formação universitária desenvolvendo um estudante entendendo o seu papel de protagonista do próprio processo de aprendizagem. O 'Yo' que finaliza este artigo não é a mesma que iniciou, onde despir-se da neutralidade de usar a técnica permite que o nascimento de uma pesquisadora não seja apenas um manejo de teoria, mas que ocupe, com coragem e autonomia, a própria voz. Espero que esta experiência tenha servido de incentivo para o fazer científico na área de Letras continuando a acender clareiras para a subjetividade, provando que ciência se torna mais profunda quando deixa que o sujeito encontre qual é sua forma na palavra escrita ou o seu próprio santuário.

Palavras-chave: Literatura, Escrita Acadêmica, Autobiografia, Experiência, Formação Identitária.

AGRADECIMENTOS

Sou grata por estar participando deste evento acadêmico onde posso desenvolver o aumento do meu conhecimento e escrita. Agradeço a professora Dta. Cristiane Agnes Stolet Correia que está junto comigo nessa investigação que contribui para o curso de Letras. Por fim, essa pesquisa só me foi possível também pelo o apoio por meio de bolsa de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq/FAPESq) dentro da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), ou seja, a pesquisa foi fundamental não apenas pela viabilização financeira deste estudo, mas também para o meu amadurecimento acadêmico, ao transitar no universo acadêmico com dedicação e autonomia.

REFERÊNCIAS

AVEYARD, Victoria. **A Rainha Vermelha**. São Paulo: Schwarcz S.A, 2015.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Espanha: Departamento de linguística, 2002.

BORGES, Jorge Luis. **Ficções**. São Paulo: Globo, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos**: Ética, sexualidade e política. Organização de Manoel Barros da Motta; tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

JUNG, Carl Gustav (Org.). **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

KING, Stephen. **Sobre a Escrita**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

MONTERO, Rosa. **La Loca de la Casa**. Madrid: Titivillus, 2003.

UNAMUNO, Miguel de. **Niebla**. Espanha: Renascimiento, 1914.